

A EDUCAÇÃO POPULAR E OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM SEUS ASPECTOS EDUCARE E EDUCERE¹

Lucileide Paz Ferreira de Lima

Mestra em Educação

Secretaria de Educação do Município de João Pessoa - PB

Luci_pazdelima@hotmail.com

Maria do Socorro Soares Bezerra

Mestra em Educação

Diretoria Regional de Educação – DRE Tocantinópolis- TO

So.igor@hotmail.com

Introdução

Atualmente, a educação continua pautada em uma pedagogia tradicional e verticalizada, ou seja, que acontece de cima para baixo, visando, principalmente, aos interesses da classe burguesa, com foco no consumo exacerbado e alheia às reais necessidades das camadas populares/trabalhadoras. O modelo em curso evidencia um conjunto de práticas educacionais que reforçam interesses externos ao próprio processo de ensino e aprendizagem em diversos contextos, temporalidades e espaços.

Neste sentido, prevalece o modelo de educação excludente, seletiva, que reforça as desigualdades sociais, ancorada em uma prática pedagógica tradicional em que, como alerta Paulo Freire (1987), o aluno é mero receptor da informação como se este fosse folha de papel em branco que precise ser somente preenchido de conteúdo. A educação que não valoriza o educando, não considera seus saberes prévios, nem tampouco sua história de vida e não o reconhece como agente capaz de transformar a realidade. Paulo Freire (1987, p.67), comenta:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se compromete com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

Silenciada pelo golpe militar de 64, a Educação Popular ressurgiu nos anos 80 trazendo consigo a concepção, defendida por Paulo Freire, de educação como “Prática de Liberdade”. Essa visão libertária se configura em uma expressão político-pedagógica, que nasce de iniciativas e experiências educativas nos movimentos sociais da Igreja Católica, nas comunidades de base, nos grupos de esquerda e de algumas personalidades intelectuais. Suas concepções pedagógicas se desenvolvem no meio do povo, desencadeando um modelo de educação construído a partir do povo e para o povo. Entendemos, portanto, que a Educação Popular surge na contramão da educação

¹ Este artigo é resultado de um trabalho realizado no Mestrado em Educação - PPGE – João Pessoa – PB, na linha de Educação Popular na disciplina Seminários em Educação Popular, ministrado pela professora Elisa Gonsalves e adaptado para este evento.

oficial e vislumbra uma prática educativa libertadora, desenvolvida no coletivo das classes populares.

1- A Educação Popular na perspectiva do ensino

O ensino sempre esteve pautado na Pedagogia Tradicional no qual o conhecimento centrou-se no professor, ficando o aluno como mero receptor. O professor, “detentor do saber”, segue um planejamento rígido e “fechado”, que não possibilita inovações, ficando assim limitado a executar o que está sugerido no programa. Por sua vez, o currículo proposto foge à realidade, não permitindo avanços significativos no sentido de desenvolver no aluno suas potencialidades, sendo este apenas reproduzidor de conteúdos transmitidos pelo professor.

Essa concepção tradicional de educação *educare*, que segundo Gonsalves (2009, p.19), “é oferecer alguma coisa que o outro não possui”, ainda hoje está presente nas práticas educativas, pois, encontramos nas escolas métodos tradicionais nos quais os alunos são considerados “vasos” que precisam ser enchidos de conteúdos e, na maioria das vezes, estes conteúdos estão muito distante da sua realidade. Conforme Paulo Freire (1996, p.22), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

É importante destacar que, nas décadas passadas, grande parte da população não tinha acesso à educação, sendo esta mais acessível para a classe burguesa. Quanto à pequena parcela de filhos dos assalariados que conseguia ingressar na escola, muitos deles sequer concluíam o ensino primário. Batista e Correia (2010, p.151) apontam que “a seletividade e a elitização da educação no Brasil deixaram de fora do acesso à educação escolar grandes contingentes populacionais das classes populares da cidade e especialmente do campo”. Com isso, o país não conseguia se desenvolver, pois o número de pessoas analfabetas crescia a cada dia.

Na perspectiva da educação tradicional – *educare* - o ensino se caracteriza pelo discurso, oralidade do professor e pelo recebimento e decoreba do aluno, ou seja, o docente transmite as informações para os alunos, nutrindo-os de conhecimentos, geralmente como verdades absolutas e estes as absorvem para reproduzi-las posteriormente. É um método que não desenvolve no aprendiz suas capacidades múltiplas, pois estes não precisam “pensar” porque já recebem tudo pronto e acabado.

Sobre essa questão, entendemos que o professor deve ser mediador no processo de ensino/aprendizagem, questionar os conteúdos aplicados para que os alunos possam ser estimulados a desenvolver o pensamento crítico, despertar para a busca de mais conhecimento através de pesquisas em outras fontes, não ficando a mercê apenas de conhecimentos repassados pelo professor. Para Gonsalves (2009, p.28) “o papel do professor consiste em criar situações de aprendizado para que os alunos possam construir significados a partir de novos materiais estudados”. Compreendemos que a aprendizagem do aluno está relacionada à sua visão de mundo, bem como sua interação com o meio. O professor necessita desenvolver habilidades de como lidar com as diferentes formas de visão de mundo dos alunos e pensar em várias metodologias de ensino, a partir de maneiras diferenciadas de trabalhar os conteúdos buscando atrair a atenção dos alunos e despertar neles o gosto pela busca de conhecimentos.

Diante do exposto, entendemos que o ensino e a aprendizagem são processos distintos, porém indissociáveis, intrinsecamente ligados. Todavia, nem sempre o que se ensina é assimilado, bem como nem toda aprendizagem acontece por meio do ensino. É importante ressaltar que há

momentos e /ou situações em que o sujeito aprende sozinho, em contato com o objeto ou por meio da sua relação com o ambiente em que vive. Paulo Freire (1996, p.23-24) explica essa correlação, mostrando que:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi aprendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz.

Diante desse pensamento de Paulo Freire, fica evidente que o ato de ensinar precisa resultar na aprendizagem para que este possa ser validado. O ensino que não traz como resposta um aprendizado não acontece de forma significativa, uma vez que não produz mudança de comportamento no aprendiz.

2- A Educação Popular na perspectiva da aprendizagem

A Educação Popular é originada nas lutas, nos anseios de melhoria social do povo e busca proporcionar ao aluno uma ação crítica e reflexiva, fazendo com que as classes oprimidas saiam da condição de opressão. Pode-se dizer, então, que a prática educativa na perspectiva da Educação Popular possibilita aos educandos tanto a apreensão dos conteúdos quanto a conscientização daqueles sobre o que se aprende e a importante relação do que foi aprendido com o seu dia-a-dia. Conforme Gonçalves (2009, p.21), “é neste contexto que ganha força a ideia de educação como exteriorização (educere): manifestar, expressar, comunicar as sínteses individuais possíveis, construídas mediante um processo autopoietico”. A autopoiese se configura na capacidade de auto-produção de todo ser vivo.

Nesse sentido, a Educação Popular tem como uma de suas tarefas conduzir os educandos à superação do conhecimento do senso comum pelo conhecimento científico, e essa consiste em uma nova compreensão da história. Um entendimento que supera e recusa toda e qualquer explicação determinista imposta ou fatalista dos acontecimentos históricos. Vale (2001, p.87) explica:

O importante e que deve ser ressaltado é que não se trata de uma substituição de conhecimentos (do formal para o popular ou vice-versa), mas de uma integração de conhecimentos, ponto de partida para discussões, para a leitura do real e para a elaboração de novos conhecimentos.

É uma educação que parte da problematização dos saberes do senso comum e busca a incorporação de um saber mais sistêmico, científico e unitário, salientando que o segundo (saber científico) não invalida o primeiro (senso comum), que o tem como ponto de partida para a sua própria produção. Paulo Freire (1996, p.31) diz que “não há para mim, na diferença e na distância entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação”. Gonçalves (2010, p. 147) reforça dizendo que “os saberes prévios não se reduzem a acúmulo de coisas, são modos possíveis de se experimentar uma vida humana e social, muitas vezes em condições adversas”.

Mesmo sabendo que a escola não é o único espaço de aquisição e construção do conhecimento, é importante salientar que ela exerce um papel fundamental na vida do aluno, pois, nela devem ser trabalhados os conhecimentos científicos (cultura formal) e os conhecimentos do senso comum (cultura experienciada). A escola deve desempenhar um papel de mediação, desenvolvendo um trabalho significativo a partir da relação constante entre o saber comum e o saber científico para a elaboração de novos conhecimentos pautados numa construção coletiva. A educação, pautada nos ideais da classe trabalhadora, deve considerar o contexto do educando e sua subjetividade, levando-o a interagir com seu espaço, consciente das transformações ocorridas na sociedade, em seus aspectos sócio-pólitico, econômico e cultural.

A aprendizagem consiste no processo de verdadeiramente aprender, ou seja, adquirir conhecimento ou habilidade prática. Isso envolve mudança de comportamento e, conforme Gonsalves (2009, p.37), todo conhecimento é autoreferencial, uma vez que “as pessoas constroem novos conhecimentos, com base no seu conhecimento presente”.

Quando se adquire um conhecimento, ocorre mudança de comportamento no indivíduo. Por exemplo, uma pessoa se dispõe a aprender a surfar, no final de um período de exercícios, uma vez que ocorra a aprendizagem, ele passa a ser um surfista. Da mesma forma ocorre com a aprendizagem escolar: o aluno precisa querer aprender, estar motivado e, a partir daí, através de todo o envolvimento pode acontecer a aprendizagem. É interessante observar que a aprendizagem não advém tão somente do interior do espaço escolar, ela está presente em várias situações do cotidiano, na tessitura dos conhecimentos, nas trocas de experiências, ou seja, aprendemos em múltiplas formas.

Considerar que existem diferentes saberes é de fundamental importância no processo de ensino e de aprendizagem para o desenvolvimento de uma prática educativa pautada nos princípios da Educação Popular, na valorização do conhecimento prévio do aluno, na sua forma de pensar e de agir no mundo. Sobre esta questão, Caldart (2004, p.47) diz que:

Trabalhar com diferentes saberes significa em primeiro lugar não hierarquizá-lo, nem considerar que eles são propriedade somente dos educadores, ou dos educandos. Todos somos detentores de saberes e é preciso que o diálogo entre educadores e educandos permita a cada um ter consciência dos seus saberes, além de ampliá-los e diversificá-los por meio da partilha e da produção coletiva de novos saberes.

Entendemos que este é um processo que acontece gradativamente, ou seja, a aprendizagem se dá aos poucos, no cotidiano da vida, nas relações pessoais e interpessoais. É a partir de momentos vivenciais que ocorre a aprendizagem e cada indivíduo com um ritmo próprio. Para Rolando Toro (1991, p.183 *apud* GONSALVES, 2009, p.46) “aprender é um processo vivencial, ele distingue três níveis de aprendizagem, cognitiva, vivencial e visceral”. De acordo com o autor, para que haja aprendizagem significativa é preciso harmonia entre os níveis de aprendizagem. O nível visceral está intimamente ligado ao instinto, ou seja, é algo que vem de dentro, do interior do ser humano, “uma capacidade inata de responder aos estímulos” (TORO, 2006 p.180 *apud* GONSALVES 2009, p.46)

O nível cognitivo corresponde ao que compreendemos, aprendemos e temos consciência. Deduz-se que o nível vivencial é a resposta aos outros dois níveis, cognitivo e visceral, uma vez que, por exemplo, ao recebermos uma notícia boa ou má, primeiro essa é processada pelo cérebro (memória de trabalho que vai processar a informação e transformá-la em conhecimento) e, em seguida, apresentamos reações que refletem na nossa vida (vivência). Toro (2006) defende que os

alunos sejam orientados para a vida e que sejam capazes de dar respostas harmônicas e saudáveis, que tenham significado e coerência.

Considerações finais

Concluímos, por fim, que a educação brasileira sempre caminhou ancorada nos ideais da classe burguesa, a partir de metodologias tradicionais que estão longe de despertar a consciência crítica dos alunos. Contudo, ressaltamos que a Educação Popular se opõe a esse modelo tradicional que desde os primórdios da colonialidade vem traduzindo uma educação seletiva e excludente.

Por meio do estudo realizado sobre os processos de ensino e aprendizagem *educare* e *educere*, vemos que, apesar de distintos, se complementam, um está relacionado ao outro, haja vista os dois métodos terem a informação como base fundamental para a construção de novos conhecimentos. Porém, o que os diferenciam é que, no primeiro, o educador apenas retransmite a informação, diferentemente do modelo educa, em que é trabalhada a fomentação do saber.

Estes processos se desenrolam em práticas sociais, inclusive nas escolares. A partir das vivências cotidianas, há uma conexão entre o que aprendemos em uma prática com o que estamos aprendendo em outra, ou seja, o aprendido em casa, na rua, na quadra comunitária do bairro, nos bares, no posto de saúde, em todos os espaços por onde transitamos contribui como referência para outras aprendizagens, sobretudo aquelas que a escola visa proporcionar.

Referências

BATISTA, Maria do Socorro Xavier, CORREIA, Deyse Morgana das Neves. Educação de Jovens e Adultos da Reforma Agrária: Uma experiência de educação popular do campo. In: **A aprendizagem ao longo da vida e a educação de jovens e adultos: possibilidades e contribuições ao debate** / Adriana Valéria Santos Diniz, Afonso Celso Scocuglia e Emília Trindade Prestes (Organizadores). – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para a construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo. In: MOLINA, Monica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo (Organizadoras) **Contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília-DF, 2004. (Coleção Por uma Educação do Campo, nº 5). Disponível em: <http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=27>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação Biocêntrica: o presente de Rolando Toro para o Pensamento Pedagógico** – João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2009.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. A noção de corpo(s) consciente(s) na obra e no pensamento educacional de Paulo Freire. In: **A aprendizagem ao longo da vida e a educação de Jovens e Adultos: possibilidades e contribuições ao debate**/ Adriana Valéria Santos Diniz, Afonso Celso

(83) 3322.3222

contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

br

Scocuglia e Emília Trindade Prestes (organizadores). – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

VALE, Ana Maria do. **Educação popular na escola pública**. 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção Questões da Nossa Época; v. 8).